



## PROFISSÃO DOCENTE: ENTRE PERCEPÇÕES E DESAFIOS DA DOCÊNCIA

Bruna Cândido de Oliveira<sup>1</sup>  
Edilene Nóbrega de Brito<sup>2</sup>  
Iane Karla Jerônimo Menezes<sup>3</sup>  
Nayara Tatianna S. da Costa<sup>4</sup>  
Kiara Tatianny S. da Costa<sup>5</sup>

### RESUMO

A profissão docente é a profissão que vem enfrentando vários desafios ao longo dos anos, tanto na sua formação inicial quanto na sua formação continuada, como também na valorização da sua profissão, existem muitas barreiras a serem quebradas e um longo caminho a percorrer para que se consiga chegar ao devido reconhecimento. Tendo em vista este aspecto, o objetivo deste artigo é analisar a ótica dos docentes em relação a sua profissão, o que eles pensam a respeito da docência, o que levaram a escolher a profissão e como se sentem em relação a educação inclusiva. A pesquisa que fundamenta este artigo foi baseada em uma abordagem qualitativa, onde foi utilizado um questionário semiestruturado online enviado aos professores da rede pública e privada de ensino, que atuam desde o ensino básico ao ensino superior. Com a análise dos resultados obtidos foi possível verificar que muitos docentes acreditam que a escolha da profissão se deu por sentir que existe uma vocação com o ensino e que com a docência conseguem fazer a diferença na vida dos alunos. Muitos afirmam sentir muita dificuldade para enfrentar a educação inclusiva, a falta de formação adequada e um ambiente apropriado são um dos motivos para que esses docentes não se sintam preparados para enfrentar essa nova realidade.

**Palavras-chave:** Profissão docente, educação inclusiva, formação.

### INTRODUÇÃO

Segundo Mendes e Baccon (2015), “ser docente é formar o aluno no intuito de prepará-lo para viver na sociedade das mudanças e incertezas, e para ser capaz de enfrentar desafios.” E acrescenta que, “ao professor é almejado que ele contribua para uma melhora qualitativa da

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Campina Grande - PB, [bruna.oli86@gmail.com](mailto:bruna.oli86@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Campina Grande - PB, [edilenenobregaby@gmail.com](mailto:edilenenobregaby@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Campina Grande - PB, [ianejeronimo55@gmail.com](mailto:ianejeronimo55@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande - PB, [nayaratscosta@hotmail.com](mailto:nayaratscosta@hotmail.com);

<sup>5</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pernambuco - UFPE, professora adjunta pela Universidade Federal de Campina Grande - PB, [professorakiara@gmail.com](mailto:professorakiara@gmail.com).



sociedade, o que só se faz quando há o ‘compromisso político-social na docência’ para a formação cidadã dos sujeitos.”

Nessas circunstâncias, o docente é percebido nos discursos como uma das bases mais importantes para a sociedade. Ainda de acordo com Mendes e Baccon (2015), “a profissão docente não pode ser analisada como mecânica e sem sentido, porque nela estão envolvidos sentimentos, relações, saberes de diferentes ordens, o individual e ao mesmo tempo o coletivo.” Desse modo, este profissional não pode ser definido apenas como o sujeito que está em uma sala de aula transmitindo de forma automática e pragmática seu conhecimento, e sim, aquele sujeito que estimula seus alunos a ter mais participação, a construir suas opiniões e a serem mais críticos em relação a vários aspectos de sua vida, tanto acadêmico como social.

Tozetto (2010, p. 61), afirma que “necessitamos da escola para assinalar a participação de todos no mundo global.” E enfatiza que, “a escola passa a ser uma das instituições responsáveis pela atitude passiva ou pela atitude crítica dos sujeitos na sociedade moderna.” Assim, compreende-se que a sala de aula é, e deve ser espaço de diálogo, de interlocução dos diferentes sujeitos a fim de construir um debate no qual cada um expõe seu ponto de vista, respeitando a opinião dos demais, para que assim possa haver uma formação mais crítica e reflexiva.

E ainda segundo Imbernón (2011, p. 7):

[...] a profissão docente deve abandonar a concepção predominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico, de onde de fato provém, e que se tornou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos em uma sociedade democrática: plural, participativa, solidaria, integradora... (IMBERNÓN, 2011, p. 7)

Portanto, a visão de que o professor é o detentor do conhecimento precisa ser superada, já que se sabe ser a aprendizagem dinâmica e contínua, acompanhando o indivíduo ao longo de sua vida. Está, portanto, o docente nesse contexto, em constante transformação a partir da reformulação de seu saber. A troca de saberes entre docentes e discentes nesse sentido, deve ser uma das características presentes na relação professor-aluno. Tais colocações corroboram com o que afirma Romanowski (2010, p. 20), ao falar que o “ato de ensinar é constante, pois o professor também pode aprender quando ensina, é um processo de interação coletiva.” Logo, a profissão docente está sempre em processo de mudança em busca de novos conhecimentos. E acrescenta Tozetto (2010, p. 60), que é necessário “valorizar o conhecimento científico [...], oferecendo igualdade de oportunidades.”

Segundo Tardif (2017, p. 34), “os saberes são, de um certo modo, comparáveis a ‘estoques’ de informações tecnicamente disponíveis, renovados e produzidos pela comunidade



científica em exercício e passíveis de serem mobilizados nas diferentes práticas sociais, econômicas, técnicas, culturais, etc.” Marcelo (2009), ainda afirma que:

[...]para os docentes, ser professor no século XXI pressupõe assumir que o conhecimento e os alunos [...] se transformam a uma velocidade maior à que estávamos habituados e que, para se continuar a dar uma resposta adequada ao direito de aprender dos alunos, teremos de fazer um esforço redobrado para continuar a aprender. (MARCELO, 2009, p. 8)

Os professores estão sempre buscando ampliar seus conhecimentos, mas não cabe somente a eles esta tarefa, as instituições também têm que estar envolvidas neste processo de enriquecimento de sua profissão e atuação. Auxiliando e incentivando os docentes bem como promovendo formação.

Nesse sentido Imbernón (2011), retrata suas concepções sobre as instituições de ensino:

A instituição que educa deve deixar de ser “um lugar” exclusivo em que se aprende apenas o básico [...] e se reproduz o conhecimento dominante, para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade, para revelar um modo institucional de conhecer e, portanto, de ensinar o mundo e todas as suas manifestações. (IMBERNÓN, 2011, p. 8)

Imbernón (2011, p. 8) ainda destaca que “a instituição educativa precisa que outras instâncias sociais se envolvam e a ajudem no processo de educar. E isso implica que a educação se torne cada vez mais complexa, seja muito mais do que esse mero ensino básico e elementar.” Para o autor, a escola não deve ser a única responsável pela formação dos alunos, a comunidade, os pais, os próprios alunos precisam estar envolvidos nesse processo de aprendizagem.

Outro desafio enfrentado pelos professores(as) é a efetivação da Educação Inclusiva, muitos não estão ou não se sentem preparados para essa realidade, segundo Pimentel (2012, p. 140) “a inexistência desta formação gera o fenômeno da pseudoinclusão”, implicando que mesmo que a instituição ofereça vagas para esse público alvo, os professores e até mesmo a instituição de ensino não estão capacitados para receberem esses alunos.

Mas de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008, p. 1)

Alves (2012, p. 35) afirma que “a inclusão exige uma ruptura com o modelo tradicional de ensino, necessitando-se de uma transformação que coloque em destaque o aluno como



sujeito do processo, percebendo-se que mesmo que não possuindo deficiência aparente, tem seus limites.” Muitos desses professores não estão habituados a ter um aluno com alguma deficiência em sua sala de aula, e isso acaba se tornando um desafio para esses professores, porque desde dos seus anos iniciais, como aluno ainda, não tiveram uma interação constante com esses alunos.

No art. 4º, inc. III da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96 diz que: *“atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino.”* (BRASIL, 1996). Pimentel (2012, p. 140) enfatiza que “estar matriculado e frequentando a classe regular não significa estar envolvido no processo de aprendizagem daquele grupo.” Aceitar esses alunos na instituição não é o suficiente, todos que fazem parte dessas instituições devem estar preparados para receber esses alunos.

A partir desse referencial buscamos compreender o que os professores pensam sobre a Profissão Docente e analisar os desafios que eles apontam para o trabalho deste profissional. Desse modo. Estruturamos o trabalho a fim de analisar a partir da ótica dos próprios docentes, como se veem e o que pensam de sua profissão.

## **METODOLOGIA**

Como percurso metodológico optamos por uma abordagem qualitativa que de acordo com Marconi e Lakatos (2010) analisa aspectos mais profundos e complexos do comportamento humano, bem como se preocupa com elementos que não podem ser quantificados. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o questionário semiestruturado online. A aplicação foi feita de modo eletrônico, por envio do formulário feito no aplicativo “Google Forms”, enviado por e-mail e redes sociais aos professores. O editor de formulários permite a criação de pesquisas on-line sem cobrar nenhum valor por sua utilização (OLIVEIRA; PAIVA, 2011). A participação foi voluntária. Foi feita a pesquisa com um total de 21 professores, sendo, 14 professores que atuam apenas na Educação Básica; 2 que atuam nos dois níveis de ensino, ou seja, na básica e no Ensino Superior e 5 professores atuam apenas no Ensino Superior.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Para a pesquisa foi aplicado um questionário aos professores da rede pública e privada de ensino, sendo um total de 21 professores que retornaram e consentiram à aplicação do questionário. Onde foram abordados quais os motivos os levaram a escolher à docência como profissão e quais as características do público alvo dessa pesquisa.

Na Tabela 1 descrevemos as características dos professores que responderam ao questionário.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Total professores</b>	<b>%</b>
<b>GÊNERO</b>	Feminino	12	57,1%
	Masculino	09	42,9%
<b>IDADE</b>	Menos de 20	00	0,00%
	20 a 25	03	14,3%
	26 a 35	08	38,1%
	36 a 45	03	14,3%
	46 a 50	02	9,5%
	Mais de 50	05	23,8%
<b>TEMPO DE MAGISTÉRIO</b>	Até 5 anos	07	33,3%
	De 5 a 10 anos	02	9,5%
	De 10 a 15 anos	05	23,8%
	De 15 a 20 anos	03	14,3%
	Mais de 20 anos	04	19,1%
<b>LECINOU OU LECIONA NA ED. BÁSICA</b>	Sim	20	95,2%
	Não	01	4,8%
<b>ETAPA QUE LECIONOU/LECIONA NA ED. BÁSICA</b>	Educação infantil	02	9,5%
	Ens. Fund. Anos iniciais	02	9,5%
	Ens. Fund. Anos finais	01	4,8%
	Ensino médio	16	76,2%

**Fonte:** produção dos autores, 2020.

A partir do quadro acima, pode-se observar que a maior parte dos docentes entrevistados são mulheres, a maioria está na faixa etária entre 26 a 35 anos, com um tempo de magistério que varia de menos de 5 anos a mais de 20 anos em sala de aula, apenas um professor(a) não



lecionou na educação básica, isso acaba demonstrando que alguns professores chegam ao ensino superior sem ter ao menos passado pelo ensino básico e 76,2% dos professores entrevistados lecionou/leciona no ensino médio. Com isso analisamos a diversidade e opiniões que os docentes de todos os níveis de ensino sentem em relação a profissão

Para Marcelo (2009, p. 8), “a profissão docente é uma ‘profissão do conhecimento’,” e enfatiza que são o conhecimento e o saber que legitimam tal profissão. O trabalho docente é baseado “no compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos.” Deste modo o nosso primeiro questionamento foi sobre o que é ser professor (a), para buscar qual a sua visão sobre a profissão. A partir dos resultados podemos destacar como categorias temáticas centrais que apareceram nas respostas dos docentes:

**Figura 1** – Categorias temáticas para o ser professor(a) encontradas são: domínio de conteúdos, estrutura da sociedade, boa relação com alunos, compartilhar saberes, gostar do que faz, mediador.



**Fonte:** produção dos autores, 2020.

Como é possível ver nas respostas dos participantes, a compreensão do ser professor(a).

Nos dias atuais, ser professor **é mais que passar o conteúdo didático**, pois precisamos ter sensibilidade para identificar os diferentes tipos de estudantes que temos em sala e como eles compreende melhor os conteúdos. Hoje o professor precisa não só dominar o conteúdo da sua sala, mais apresentar uma boa relação com os estudantes, proporcionar (incentivar) a curiosidade, bem como ajudar os alunos a desenvolver suas habilidades e competências. (Fala de P4)

É ser um **mediador do conhecimento!** É buscar desenvolver competências e habilidades necessárias para o desenvolvimento da alfabetização científica e tecnológica dos sujeitos, com foco no seu



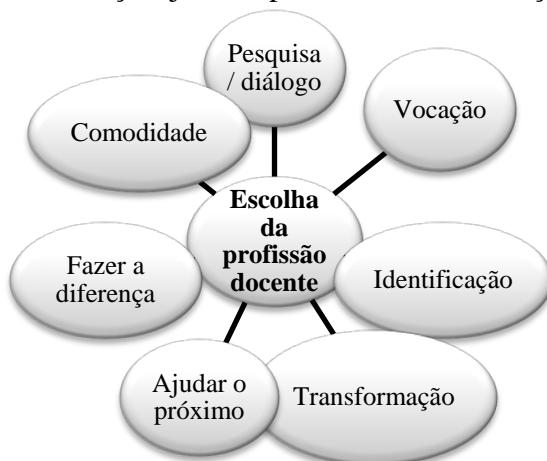
preparo para o exercício consciente da cidadania! É preparar para além da vida! **É amar** o exercício da atividade docente! (Fala de P10)

Ser professor é ter o poder de captar a atenção do aluno no deslumbre do conhecimento, mas também é admitir o quanto o aluno nos faz aprender com ele e por causa dele dele. Acho que filosofia agora. Mas ser professor é isso mesmo e muito mais. É ter muita responsabilidade, **trabalhar muito e não ter um salário que seja invejado pela maioria dos profissionais**. Eu tentei ter outra profissão, mas acabei na que eu tenho orgulho de ser. (Fala de P13)

Não sei, estou descobrindo. (Fala de P19)

Em uma análise mais geral de todas as respostas, observamos que a maioria percebe a profissão docente como ser mediador, e como vimos na resposta do professor(a) 19, que ainda está descobrindo o que é ser professor, e por ser uma profissão que influencia significativamente a formação dos alunos, ele requer uma dedicação em todo o seu processo. Diante disso surge a questão de como foi feita a escolha da profissão docente, quais razões que os levaram a seguir a profissão. E como categorias temáticas podemos destacar:

**Figura 2** – Categorias temáticas para a escolha da profissão: pesquisa/dialogo, vocação, comodidade, fazer a diferença, ajudar o próximo, transformação, identificação.



**Fonte:** produção dos autores, 2020.

Observamos que alguns optaram pela profissão por ter uma vocação com a docência e outros pela comodidade de ter um emprego próximo a sua residência, e vários outros fatores que foram levados em consideração na escolha da docência que são expressadas a seguir:

O ambiente acadêmico que pode se encontrar na Universidade. A possibilidade de fazer um trabalho de **pesquisa** e **discutir** ideias e resultados com colegas e alunos. Desenvolver novas ideias e melhorar a **transmissão de conhecimentos**. (Fala de P6)



1. **Vocação** desde a infância; 2. Desejo de colaborar para o desenvolvimento de uma educação dialógica e problematizadora; 3. Colaborar com a mediação de conhecimentos para a construção de uma cidadania crítica! (Fala de P10)

1= Os **professores** que tive. 2= Aprender sempre e **repassar conhecimentos** 3= foi o caminho mais fácil de conseguir emprego e manter-se até hoje. (Fala de P13)

Essas são as razões que me levaram a escolher ser professora: A educação **transforma** vidas; Trabalhar de forma lúdica; A sinceridade e o **amor** das crianças. (Fala de P16)

De acordo com Tardif (2014) o saber que o professor mobiliza para lecionar é proveniente de vários espaços formativos; da experiência profissional, da formação inicial e continuada, e de modelos aprendidos com seus professores. Diante disto, foi questionado quais saberes esses docentes acreditam ser importantes na sua profissão, e a maioria acredita que a diversidade de saberes provenientes de variados espaços formativos vivenciados pelo docente são a base da sua profissão.

E ao lecionar quais desses saberes são mobilizados para exercerem sua profissão, e para muitos eles acreditam que as experiências adquiridas na sua formação, tanto inicial como continuada, e vivenciadas no seu dia-a-dia que constroem seus saberes.

Uso **diversos saberes**, pois gosto de me espelhar nos meus professores, também observo a realidade a minha volta, bem como o meu público. (Fala de P4)

Acredito que são **vários os saberes** que buscamos empregar na prática docente. (Fala de P7)

O professor deve adquirir saberes necessários relacionados aos pressupostos teóricos e metodológicos que sustentam as diferentes tendências pedagógicas de ensino. Além disso, é necessário que o professor vivencie **situações práticas** que colaborem para a construção da sua identidade docente! A formação continuada também é necessária, tendo em vista que diariamente lidamos com a chegada de novas tendências, sendo necessário que o professor esteja atualizado para incorporar novas abordagens de ensino. A **pesquisa** também é importante na construção de identidade de um professor, porque é através dela, que compreendemos os diferentes fenômenos complexos que se manifestam em sala de aula, passando a assumir uma postura de professor pesquisador **reflexivo!** (Fala de P10)





Segundo Paulo Freire (1967, p.107), o diálogo “é uma relação horizontal[...]. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança.” De acordo com Paulo Freire a relação entre aluno e professor é algo que possa ser construída com diálogo, respeito e afetividade e tornando uma relação mediadora. Para todos os docentes a relação entre professor e aluno na sala de aula é muito importante para sua prática, podemos destacar:

Com toda certeza! A aprendizagem em sala de aula é heterogênea! Cada sujeito aprende de um modo muito particular! Por esta razão, torna-se importante saber lidar com diferentes situações e problemas que vão surgir em sala de aula, que muitas vezes influencia no rendimento do sujeito! Saber diagnosticar estes problemas, é importante para criar uma relação harmoniosa entre professor e aluno, evitando evasão, dificuldades de aprendizagem, falta de afinidade entre outros. (Fala de P10)

Eu acredito que deve-se construir entre professor e aluno uma boa relação de mútua respeito, afetividade e compromisso de ambas as partes com o ensino aprendizagem, com o andamento saudável em todas as atividades da escola e fora dela. É preciso resgatar o valor do professor que para alguns alunos já não existe. Acredito que para este resgate vai depender da valorização que as famílias e o poder público possa dar a essa profissão tão desvalorizada em nosso país. (Fala de P13)

A interação professor/aluno é importante para que assim o docente possa se adequar as facilidades e as dificuldades que os alunos sentem em relação a sua aprendizagem e que desta forma seja oferecido um ensino de qualidade e respeito mútuo em sala de aula.

De acordo com Glat e Pletsch (2004, p.5):

O grande desafio posto para a universidade é formar educadores que não sejam apenas instrumentos de transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, de novas atitudes frente à diversidade humana. Além, disso, devem ser preparados para construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdos não só para os alunos considerados especiais, mas para todos os integrantes da sua classe. (GLAT E PLETSCHE, 2004, p.5)

Trazendo essa questão sobre educação inclusiva no ensino, foi questionado como seria feito essa abordagem, se eles estão preparados ou quais dificuldades eles encontram no seu cotidiano.

Não. Formação continuada incluída na grade curricular. Material didático específico. Acessibilidade adequando as diversas deficiências apoio contínuo para a inclusão. (Fala de P1)

Não, pois a nossa formação acadêmica não nos prepara para a realidade educacional. Algumas dificuldades são: salas de aulas com 36~40 estudantes, poucos recursos didáticos, pouco tempo para preparar materiais didáticos adequados, e como coloquei inicialmente a falta de formação (na licenciatura e nas formações continuadas). (Fala de P4)



Sim, me sinto. Sempre foi minha área de interesse, tanto na formação acadêmica e quanto na participação em eventos científicos, grupos de discussão, bem como na atuação profissional como professora (1º ao 5º ano e de Libras), pedagoga (atendimento no Centro de Atendimento em Educação Inclusiva) e como tradutora intérprete de Libras (rede Estadual da PB e na Igreja Católica). As dificuldades que ainda vivencio são: falta de material adaptado para alfabetizar o SURDO na duas línguas (Português e Libras) nas escolas regulares; ausência de formação continuada ou complementar aos tradutores intérpretes de Libras; falta de especialistas nas escolas da rede regular para orientar os pais. Familiares, professores, coordenação pedagógica a respeito do processo educacional do aluno com deficiência matriculado na escola. (Fala de P20)

Pelo que observamos, a maioria dos docentes não se sente preparados para lecionar, que devido à falta de uma formação inicial e continuada que seja capaz de qualificar esses professores, falta de recursos nas escolas e materiais para auxiliarem nas aulas, superlotação nas salas, e por muitas vezes a própria família desses alunos e vários outros fatores que acabam dificultando a prática dos docentes, gerando assim um despreparo para o que estamos vivenciando nessa nova realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos questionários mostrou que os docentes acreditam que ser professor(a) significa mediar, motivar, ter a sensibilidade para identificar seus alunos e acima de tudo gostar da profissão. Foi percebido também que ainda existem algumas barreiras para se quebrar no intuito de construir uma educação inclusiva. Como alguns dos desafios percebidos, apontamos a centralidade no debate sobre a valorização da profissão, percebida entre os docentes como discrepantes entre discursos sociais e realidade na prática. Sendo assim, é importante lembrar que ainda existe um longo caminho a percorrer para assim alcançarmos o devido reconhecimento. Mesmo com todas as dificuldades que enfrentam diariamente esses professores(as) escolheram a profissão docente por achar que assim irão conseguir transformar vidas, pelo amor à docência fazerem a diferença para contribuir por uma formação mais complexa, crítica e reflexiva.

Concordamos com Imbernón (2011, p. 28) que, “o objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. E a profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca.”



Verificamos que os professores acreditam que se existir uma boa relação com seus alunos as aulas serão bem mais aproveitadas, que ao conhecer a realidade daquele aluno ele irá buscar uma maneira de aprimorar seu método de ensino para aprendizagem desse indivíduo. Assim a profissão docente ela é construída com as experiências adquiridas ao longo da sua vida acadêmica.

Em relação a Educação Inclusiva muitos docentes expressaram que sentem dificuldades para enfrentar essa nova realidade, não se sentem preparados para receber alunos com qualquer tipo de deficiência, sejam elas físicas, mentais, intelectuais ou sensoriais. A falta de uma formação mais específica na formação inicial e continuada dificulta muito a adaptação dos professores com esses alunos, eles levantam ainda a questão de a escola não ter recursos e não está preparada para oferecer um ambiente adequado para receber esse público alvo.

Existe vários fatores a serem levados em consideração em relação a educação inclusiva, não é só aceitar esse aluno na escola, visto que ele está assegurado por lei a estar na sala de aula como todos os demais, mas é preciso ir além da integração, é necessário adequar o espaço físico, materiais didáticos para as aulas, professores capacitados para receber esses alunos, como também é essencial o apoio da família na adaptação a escola e os colegas de classe também. São várias as dificuldades que os docentes enfrentam na educação inclusiva, não é fácil se adaptar as metodologias de ensino principalmente sem um intérprete ou uma pessoa que o auxilie neste processo.

Por essa razão faz sentido dialogar sobre esses desafios tentando encontrar possibilidades de trabalho dentro desse contexto. É nesse sentido que construímos esse diálogo como pontapé inicial para tais reflexões.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ivelise Kraide. **A formação Docente no Contexto da Educação Inclusiva**. 70f. Monografia (Especialização) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho nacional de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.



Disponível

em:

<

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192)>. Acesso em: jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1967.

GLAT, E; PLETSCHE, M.D. **O papel da universidade frente às políticas públicas para educação inclusiva**. Revista Benjamin Constant. Ano 10, n.29, p3-8, 2004.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. v. 14. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTEL, Susana Couto: Formação de professores para a inclusão: saberes necessários e percursos formativos. IN: MIRANDA, Therezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão (ORGS): **Formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MENDES, T. C.; BACCON, A. L. P. **Profissão docente: o que é ser professor**. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, Paraná. P. 39786 – 39803.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. 4. ed. rev. – Curitiba: Ibpex, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCELO, C. **Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro**. Ciências da Educação, n.8, 2009, p.7-22.

OLIVEIRA, Josilene Ribeiro de; PAIVA, Jamile Miriã Fernandes. **Aspectos práticos e metodológicos da pesquisa em Relações Públicas: da coleta a análise de dados via Internet**.

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOZETTO, Susana Soares. **Mudança nos saberes na perspectiva de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental face à implantação de ações políticas educacionais no município de Ponta Grossa – Pr**. 2008. 262 p. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – UNESP, Araraquara, 2008.